# POSSO TE BEIJAR NO TEMPO

http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i29p521-525

Raeltom Santos Munizo [I]

E ser a vida além de uma, posso te olhar agora na minha carne minando em jaz, colhendo a lua de nossa casa de animais. Vejo seus velhos medos correndo no tempo da luz que arde quando perdemos a tarde, e se escapando em meu corpo derramado em amor. Queria estar ao seu lado, dentro de seu vapor, bebendo amor, suor e dor, para além de meu sabor de ser só.

Depois do sempre dia engatinhar sobre minha mão, eu vi nascer um alado estrangeiro andorim nas costas de meu coração. Era o ar em matéria e forma passarinha, que tremia as duras asas dentro de meu miúdo corpo, alargando meu íntimo até o meu particular além e aquém. Eu era a grandeza. Eu era o espaço dele maior que o tempo.

De onde caiu essa deidade semente açoitadora? A carne de mulher suporta muita eternidade; aguenta todo o peso da felicidade em vermelho. Pediu-me para chamá-lo de Narcismo, e para ouvir as vindouras palavras de si: "corri pela terra branqueada pela pele da areia de São Francisco de Chumbo, aquando de desde criança; não tive colo de pais de barriga e umbigo, tive amor de negra Beta que me ergueu como menino até o colher do tempo homem grande. Eu que levei Beta até o Rio da vida segunda, segurando sua mãozinha com meu beijo metamorfoseado em solidão durante a caída do couro de seus olhos. Ela era minha terra firmada. Não vi mais nada naquele lugar depois de ida de seus dias. Tive que sair pelo sol buscando terra onde despejar minha voz. Eu fui o esquecimento da

[I] Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

minha vida nessa andança. Senti o sentimento da morte dentro da vida. Na terra varredeira, eu vi suas linhas rendar uma lua a cada vida, comendo a dor no ar. Então, cê me ensina a catar luz para o céu eu sustentar? Cê me ensina a voar dentro de seu olho de nácar? Ensina para eu ser um homem firme, porque eu sei ver a fúria do anseiado ensinamento cansando você."

O meu amor por Narcismo já era flor nascida de instante derramando suor de cheiro sobre todos os nossos planos futuros. A voz dele me apresentou esse sentimento que queima peito mimoso e distraído.

Nos casamos um ano a mais depois de nossa primeira primavera da seca. Fomos então para a sua perdida São Francisco de Chumbo, sem nada nas mãos, com muito de tudo nos corações e um pedaço do que se chama de sonho. Narcismo era feito ali de tropeiro pela necessidade. Arrebentava o sertão com sua pisada distante de mim. Eu dava limites à substância mais bruta do mundo, a qual suportou a mão e o fundo sopro de Deus. Eu desmenbrava e remendada o corpo do mundo primitivo. Uma oleira me fiz pela matéria da terra que me come.

Os anos caíram do céu, e nós soltamos um menino no mundo quente. Damião foi nome engolido por ele, pois reza as mulheres de alma grande que esse palavreado quer dizer aquele que pede choroso os caldos de amor e força à vida que pariu o tempo. Damião era feito homem em menino ser pelo seu pai, durante os quando estava pelas redondezas perto de nós. Meu eternamente filho se tornava braço de cavalo, se abria em pote para buscar água nos limites do longe, tornava-se guerra para revirar a terra para ela parir o milho e feijão, vomitava pelas mãos e olhos flechas para pender o vôo das pombas alvinhas, derramava-se na lagoa minguante da terra baixa para colher os voadores que embebiam no fundo. Ele conheceu o deus da estrada, orando na costela mais larga do cavalo. Esse mesmo deus desmoronou suas fantasias inventadas dentro das noites de família. Isso ao ritmo bagunçado de suas orações.

Numa viagem ao longe, aonde meu conhecimento não chegou, Narcismo levou Damião na poeira pela primeira vez. Cada dia um pedaço de meu umbigo caia. Nesse dia, meus olhos buscavam não deixar meu menino escapar pelo espaço do mundo. É tempo de sumir pelos atrás da serra e acima do canto. Ele foi levando meu medo duro em suas costas e seu pai em sua frente guiando seus pisamentos pelos sem rumo, esperando o beijo da sorte sadia. Soube tempos depois pelas vozes inventivas do povo que encontraram-nos pelos caminhos de seus pés, que Damião há muito

passos fugidos dos meus, encontrou com seu pai uma moça de brancura morta, vivendo com uma mulher cega constantemente sentada num buraco doce no meio de uma casa de abandonos. Não tinha nada de muita coisa naquela casa. Somente a noite que logo alí caiu rapidamente que parecia filha daquela casa de duas mulheres de carne das alvuras. A moça falou para os homens de braços meus fugirem da "noitura", entrando na presença delas em sua casa, pois lá fora vivia os estrangeiros do descobrimentos que devem continuar gemendo no estranho. Jantaram ouvindo as musicadas histórias dali. Após de tanto escutar, Damião apareceu para a noite aberta e andou pelos azuis do tempo apagado. Sentou o menino homem de processo em uma árvore morta pela vida da terra, e começou a viver o fim. Segundo o que me dizem, ele gritou rompendo a carne da noite, em razão do beijo de cobra de hora perigosa. Seu corpo geou ali, pendendo junto com o último sorriso e buscando a luz de ver seu amando pai. Mas ele mergulhou para longe do alvo, caiu no fundo do azul.

Narcismo era só gritos de homem com o seu menino derramado em seus braços. Ele arrastou o nosso pesado amor Damião vazio de vida até a porta da casa da moça loura, buscando protegê-lo da ida ao eterno distante. A alva dona da casa esperava com ervas transadas nas mãos e dançando ao balanço e som das rezas. Narcismo, no porvir, disse-me que a voz dela era como um anjo parindo um filho. Voz que descobre a pele e invade nosso ar. Mas o movimento sonoroso dela não conseguiu buscar de volta o ser de Damião meu.

Voltaram os dois. Um voltou sem ele dentro de si. Seu corpo balançava sob as varas de um carro de boi em cortejo, silenciosamente acompanhado por várias gentes. Reconheci Narcismo na frente e puxando os bois, descalço e chutando a vida. Aquilo parece que me buscava, mas eu, de estranha forma, queria repelir o que ainda não sabia ser. Tanta gente e nada de um pouco de Damião eu conseguia ver. O coração subia pelo peito. Vi manchas de lágrimas empoeiradas desenhando rios no rosto de marido meu. O outro mundo veio a mim.

Era só eu e Narcismo por várias eras de vida. Não tive mais filhos, mesmo recuperada da ida de meu menino de doce. Narcismo era então recepção de todo o amor que eu inventava. Viajava ele a trabalho quase sempre. O senhor Mariano, homem de grande pano de terras, contratou as labutas tropeiras de meu marido. Foi rumo às bandas de Além-de-Deus-

choroso, terra do mar de fúria de homens perdidos e daqueles vendedores de raios de sol.

Morreu lá, na porta de uma igreja abandonada de céu e homem. Disseram que ele bebeu numa venda de homens de guerra qualquer, onde avançou a vida contra a morte vivida nesses seres dali, os quais fizeram fina lâmina fria descer pela carne de Narcismo, até trazer o sangue de fogo às bordas do corpo do amor. Depois levaram seu corpo beijando chão até à igreja e pregaram os panos de sua pele e suas mãos e pés na porta aberta da casa de Deus fugido.

Soube desse rito da morte e não tive força no peito e pé para buscar Narcismo. Zé de Mariana, meu vizinho de tempo e terra, foi quem consultou a benzedeira de olhos faltosos, a qual rezou as palavras para ele cirandar a igreja maldita com flor de laranjar e abraçar a igreja de madeira velha com fogo cruzado. A poeira quente do vermelho soprou tudo dali até onde o céu é ainda bebido pelo homem e por Deus.

Não consegui saber mais o que era ser um ser. Eu caia da vida a cada instante, com as mãos fugindo do firme do mundo. Era só a memória de Narcismo e o esquecimento de mim. O vento era o toque dele em todo meu corpo de uma só vez. Via seus olhos na água do riacho que meu beijo bebia e salvava no cume do morro de meus lábios e na planície de minha língua parada. Minhas mãos entravam na terra sentido o avanço da luta sob sua pele ardida e crua. Todo dia Deus me falava dele com a matéria vizinhando a mim. Eu recebia a visita dos anos sem a experiência e espaçamento do tempo. Estava nua de voz na vida, chorando pelo corpo, erguendo todo o tempo com os punhos trêmulos. Eu queria te dizer diante de seu ar jorrando amor em minha cara que estou morrendo com a saudade chutando meu peito. Joguei meus olhos ontem na cama da lua, mas ainda espio de dentro toda a sua forma. É uma persistência de ti em se tornar eu, que digo enfim ao sim do dia de nosso casamento. Há uma parte de mim voando dentro do seu espaço de aquém. Como você está? Queria comer a distância de nossos peitos, mas não há mais espaço entre nós. Não existe mais duas coisas do amor, só você dançando o tremor da solidão nesta carne. Deixe-me ver o sal, correr no suor, gritar para embaralhar a luz, pular no rio da água, cheirar a esperança e cantarolar com os vários semelhantes só mais uma parte de uma vez antes de ser tua e nada? Não sabia da noção de fim ou nascimento! Sou eu em estado de memória sua,

por isso posso lhe colher com meus soltos beijos no único coração do tempo.

Recebido em 14 de novembro de 2021
Aprovado em 14 de fevereiro de 2022

Licença:

Raeltom Santos Munizo
Professor, graduado em Letras e pós-graduado em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
Contato: munizo_raeltom@hotmail.com
: https://orcid.org/0009-0008-9248-1548